

PAINEL 17 - PRÁTICAS EDUCOMUNICATIVAS INOVADORAS E PEDAGOGIA DE PROJETOS

Mediadora: Prof. Ms. Silene Lorenço, ABPEducom.

Ao receber o convite para coordenar o painel *Práticas educ comunicativas e Pedagogia de projetos durante o V Encontro Brasileiro de Educomunicação: Educação midiática e políticas públicas*, e conhecer o conteúdo de cada trabalho que seria apresentado, fui tomada de grande expectativa frente à diversidade de experiências e contextos que estavam sendo abrigados sob o mesmo “guarda-chuva”: a Educomunicação.

Para além da leitura de resumos e textos que antecedeu o Encontro, a convergência/divergência entre essas experiências seria explicitada no debate de ideias e na troca de opiniões que eventos como esse devem proporcionar.

A primeira apresentação, intitulada *Formação Midiática por meio da Pedagogia de Projetos em escolas públicas do Estado de São Paulo*, é resultado do Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização *Mídias na Educação* de Vagner Manaf, supervisor da Rede Pública de Ensino do Estado de São Paulo.

Tomando por objetos de análise o *II Festival de Cinema da Diretoria de Ensino da Região Leste 5* (São Paulo) e o projeto *Gibizando na escola* da EE “Professora Maria da Glória Costa e Silva”, o autor procura analisar em que medida essas experiências atendem os princípios teóricos da Pedagogia de Projetos e, ao mesmo tempo, verificar como as ferramentas midiáticas são exploradas pelos professores tendo em vista a garantia da aprendizagem dos alunos.

Ao final da pesquisa, o autor chega à conclusão de que falta ao professor fundamentação teórica sobre Pedagogia de Projetos e sobre o papel da mídia e de suas linguagens na Educação, o que o leva a agir de forma intuitiva, pouco planejada e sem refletir sobre os objetivos a serem atingidos. Além disso, a pesquisa indica que há, por parte do professor, uma preocupação maior em evidenciar aquilo que os alunos já dominam do que promover novas aprendizagens.

Por outro lado, os resultados contribuem para desmistificar a ideia de que os professores, em sua grande maioria, rejeitam o uso das tecnologias na escola. Ao contrário, a maior parte deles hoje reconhece a importância dessas ferramentas e da incorporação de novas estratégias de ensino-aprendizagem para a melhoria da Educação.

Nesse caso, portanto, temos a análise de experiências em espaços de educação formal da rede pública de ensino.

A segunda apresentação – *Estudo comparado de práticas educ comunicativas: Viração e Idade Mídia* –, é de autoria de Bruno de Oliveira Ferreira, aluno do *Curso de Especialização em Educomunicação: Comunicação, Mídias e Educação* (ECA/USP), e traz uma análise comparativa de dois projetos.

O primeiro é o projeto *Revista Viração*, uma publicação com periodicidade mensal que conta com a participação voluntária de jovens e adolescentes provenientes dos setores menos privilegiados da sociedade e, geralmente, engajados em movimentos de mobilização social e política. Atualmente, os “virajovens” estão organizados em conselhos editoriais espalhados por vários Estados do Brasil. Trata-se, portanto, de um movimento de organização da sociedade civil.

Idade Mídia, por sua vez, é um projeto do Colégio Bandeirantes, escola renomada, localizada em bairro nobre da cidade de São Paulo, que pertence à rede particular de ensino e cujos alunos são, em sua grande maioria, provenientes de famílias com alto poder aquisitivo.

O projeto, voltado para o 2º ano do Ensino Médio, tem a duração do ano letivo e, portanto, renova-se anualmente. Ao longo desse período, um grupo de aproximadamente vinte alunos reúne-se semanalmente, sob a coordenação do jornalista Alexandre Sayad, para discutir assuntos da atualidade a partir do que é publicado pela mídia e o próprio

processo de produção jornalística, além de realizarem visitas às redações de jornais e participarem do processo colaborativo de produção de uma revista de autoria própria.

Apesar das diferenças destacadas, os dois projetos seriam referências de práticas educacionais, segundo Bruno Ferreira, uma vez que ambos reconhecem o direito à informação e à liberdade de expressão de crianças e jovens, contribuem para o desenvolvimento da autonomia, exercitam o trabalho colaborativo e promovem a transformação social.

A terceira e última exposição, denominada *Educação Inovadora*, é de autoria de Beatriz Ferraz, Gerente de Projetos Educacionais do Instituto Natura. Partindo da análise das transformações sociais provocadas pelo rápido avanço tecnológico e de seus impactos sobre a Educação, chega-se à constatação de que o modelo tradicional de ensino está totalmente fadado ao fracasso.

Nesse contexto, é apresentado o trabalho do Instituto Natura. Resumidamente, um trabalho de prospecção realizado em todo o Brasil com o objetivo de identificar experiências inovadoras e promissoras com relação à aprendizagem. Segundo Beatriz Ferraz, o trabalho de prospecção do Instituto Natura tem revelado que, tanto no âmbito das escolas quanto no âmbito das empresas, a inovação é possível.

Para que uma iniciativa seja considerada inovadora e receba apoio do Instituto Natura, ela deve apresentar, essencialmente, as seguintes características: o aluno no centro do processo de aprendizagem, com autonomia para decidir o que e como aprender; atendimento personalizado, baseado no uso de novas tecnologias e estratégias também inovadoras; reinvenção do papel do professor, da direção e da própria escola, que deve estar aberta à comunidade.

Como se pode ver, estamos diante de contextos bastante diferenciados: uma Diretoria de Ensino e uma escola da rede pública estadual; uma escola da rede particular de ensino frequentada pelos filhos da elite paulistana, um movimento de organização da sociedade civil e um instituto social criado por uma grande empresa.

Apesar das convergências entre essas experiências permitirem aproximações, encontros e diálogos, a heterogeneidade não pode deixar de ser problematizada, pois é na explicitação dos conflitos e das contradições que criamos a possibilidade de novos avanços.

Considerando o fato das práticas educacionais terem nascido no contexto dos movimentos sociais das décadas de 60/70 do século XX como mecanismos de resistência a todas as formas de opressão e de defesa do direito à informação e à liberdade de expressão, adotando para isso um discurso contra hegemônico, cabe-nos perguntar: como a memória da Educação está sendo construída no âmbito dessas experiências no contexto do século XXI? As contradições inerentes a esses processos são objetos de reflexão e debate entre os sujeitos envolvidos ou são por eles negadas? Com que significado alguns conceitos como liberdade de expressão, gestão participativa e protagonismo juvenil, por exemplo, tão caros à Educação, estão sendo incorporados pelo senso comum nesses diversos contextos? Compartilhamos o mesmo desejo e a mesma visão de futuro ao falarmos em transformação social?

Estamos na Era da Informação, da tecnologia; mas, também, das incertezas e das perguntas. As respostas, portanto, estão em construção. Lembremos do nosso compromisso como pesquisadores, comunicadores, educadores e, sobretudo, educadores. Nesse sentido, não podemos fugir ao debate e à reflexão. Essa é a grande contribuição deste painel: despertar as nossas consciências que por vezes parecem adormecidas.

Silene de A G Lourenço